

ALFREDO JORGE EBLING BERCHT: O VELEJADOR BRASILEIRO NOS JOGOS OLÍMPICOS DE 1952 E 1956

Alfredo Jorge Ebling Bercht: el regatista brasileño en los Juegos Olímpicos de 1952 y 1956

Alfredo Jorge Ebling Bercht: The Brazilian sailor in the 1952 and 1956 Olympic Games

Carolina Fernandes da Silva¹ , Bruna Letícia de BORBA¹ , Janice Zarpellon MAZO² 

¹Universidade Federal de Santa Catarina (Brasil)

²Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Brasil)

Resumo

A vela, desde os Jogos Olímpicos (JO) de 1900, quando foi inserido no programa olímpico, se manteve em todas as edições seguintes com um número crescente de países participando das disputas. A participação do Brasil nessa modalidade começou nos JO de 1936, após a fundação de clubes destinados à prática. Desde então, a vela olímpica brasileira conquistou 19 medalhas, destacando-se como a modalidade que obteve o maior número de medalhas de ouro olímpico para o Brasil: total de oito. Os atletas brasileiros precursores da vela, estavam ligados a clubes do Rio de Janeiro e São Paulo. Somente nas edições do JO da década de 1950, no período pós II Guerra Mundial, a delegação brasileira passou a ser composta por velejadores de outros estados, como o Rio Grande do Sul. Nos JO 1952, participaram seis velejadores brasileiros, dentre os quais estava o primeiro sul-rio-grandense, Alfredo Jorge Ebling Bercht, do Clube Veleiros do Sul. Em 1956, além de Alfredo Bercht, participou dos JO, também, o seu irmão Rolf Bercht. Diante desses indícios, o estudo trata de investigar como ocorreu a trajetória do primeiro velejador sul-rio-grandense a participar dos Jogos Olímpicos de 1952 e 1956. Para tanto, foram garimpadas reportagens em jornais brasileiros que circulavam no período, localizados na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional brasileira. O corpus documental foi analisado através da técnica de análise documental e as informações foram cruzadas com a revisão de literatura e o contexto sociocultural. Os indícios evidenciam que apesar das conquistas nacionais e regionais, valorizadas e divulgadas pelos jornais analisados, não era conferido destaque aos velejadores no contexto dos JO. Ademais, a trajetória do velejador encena contratempos e disputas travadas entre modalidades, no interior das entidades esportivas brasileiras.

Palavras-chave: Vela, Jogos Olímpicos, Atletas, História.

Este é um artigo de acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Attribution-Noncommercial-No Derivatives (<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>), que permite a reutilização, distribuição e reprodução não comercial em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada e não seja alterada, transformada ou construída de qualquer forma.

Resumen

La vela, desde los Juegos Olímpicos (JO) de 1900, cuando se incluyó en el programa olímpico, se ha mantenido en todas las ediciones posteriores con un número creciente de países participando en las disputas. La participación de Brasil en esta modalidad comenzó en los Juegos Olímpicos de 1936, luego de la fundación de clubes destinados a la práctica. Desde entonces, la vela olímpica brasileña ha ganado 19 medallas, destacando como el deporte que ha ganado el mayor número de medallas de oro olímpicas para Brasil: un total de ocho. Los atletas brasileños que fueron pioneros en la vela estaban vinculados a clubes de Río de Janeiro y São Paulo. Solo en las ediciones de los JO en la década de 1950, en el período posterior a la Segunda Guerra Mundial, la delegación brasileña pasó a estar compuesta por marineros de otros estados, como Rio Grande do Sul. En los JO de 1952 participaron seis regatistas brasileños, entre ellos el primero de Rio Grande do Sul, Alfredo Jorge Ebling Bercht, del Club Veleiros do Sul. En 1956, además de Alfredo Bercht, también participó en los Juegos su hermano Rolf Bercht. En vista de estos indicios, el estudio busca investigar cómo se desarrolló la trayectoria del primer navegante de Rio Grande do Sul que participó en los Juegos Olímpicos de 1952 y 1956. Para eso, se extrajeron informes de periódicos brasileños que circulaban en el período, ubicados en la Hemeroteca Digital de la Biblioteca Nacional de Brasil. Se analizó el corpus documental mediante la técnica de análisis de documentos y se cruzó la información con la revisión bibliográfica y el contexto sociocultural. La evidencia muestra que a pesar de las conquistas nacionales y regionales, valoradas y difundidas por los diarios analizados, los marineros no fueron destacados en el contexto de los JO. Además, la trayectoria del regatista representa reveses y disputas entre modalidades dentro de las entidades deportivas brasileñas.

Palabras clave: Vela, Juegos Olímpicos, Atletas, Historia.

Abstract

Sailing, since the Olympic Games (OG) in 1900, when it was included in the Olympic program, has remained in all subsequent editions with an increasing number of countries participating in the disputes. Brazil's participation in this modality began in the 1936 Olympic Games, after the foundation of clubs intended for the practice. Since then, Brazilian Olympic sailing has won 19 medals, standing out as the sport that has won the highest number of Olympic gold medals for Brazil: a total of eight. The Brazilian athletes who pioneered sailing were linked to clubs in Rio de Janeiro and São Paulo. Only in the 1950s editions of the JO, in the post-World War II period, the Brazilian delegation started to be composed of sailors from other states, such as Rio Grande do Sul. In the 1952 OG, six Brazilian sailors participated, among which was the first from Rio Grande do Sul, Alfredo Jorge Ebling Bercht, from Clube Veleiros do Sul. In 1956, in addition to Alfredo Bercht, his brother Rolf Bercht also participated in the Games. In view of these indications, the study seeks to investigate how the trajectory of the first sailor from Rio Grande do Sul to participate in the 1952 and 1956 Olympic Games took place. For that, reports were mined in Brazilian newspapers that circulated in the period, located in the Hemeroteca Digital of the Brazilian National Library. The documentary corpus was analyzed using the document analysis technique and the information was cross-referenced with the literature review and the sociocultural context. The evidence shows that despite the national and regional achievements, valued and publicized by the analyzed newspapers, sailors were not highlighted in the context of the OG. Furthermore, the sailor's trajectory enacts set backs and disputes between modalities within Brazilian sports entities.

Keywords: Sailing, Olympic Games, Athletes, History.

Introdução

A vela, também conhecido como iatismo¹ no Brasil está entre os primeiros esportes disputados nos Jogos Olímpicos (JO), estreando no ano de 1900, em Paris, na França, isto é, na segunda edição dos JO da Era Moderna. Na concepção do Barão Pierre de Coubertin, idealizador dos JO da Era

¹ Para o presente estudo, será utilizado o termo vela, por este ser o que identifica a modalidade olímpica.

Moderna, a vela era uma prática desafiadora por ter os fenômenos da natureza como mais um obstáculo a ser vencido. Coubertin proferiu: “Destaco também o instinto combativo de certos esportes que têm, no entanto, como característica peculiar o fato de que o homem parece permanecer mais ou menos passivo diante da força desencadeada e que às vezes não pode dominar” (Müller e Todt 2016, 135). Desta forma, a vela se insere nos JO preenchendo o critério de ser representativa dos esportes que competem, para além dos adversários, também com a natureza.

O esporte da vela está dentre aqueles que Bourdieu (1983) classificou como práticas com capital simbólico de distinção, as quais servem de ocasião para acontecimentos eletivos². Tal prática estava atrelada aos interesses de Coubertin, um homem oriundo da elite francesa que planejou os JO como um evento para grupos selecionados. Segundo Müller e Todt (2016, 381), em um de seus registros documentais, Coubertin afirmou: “A massa terá os concursos e as festas da Exposição, enquanto nós organizaremos jogos para a elite: a elite entre os atletas, pouco numerosos, mas que abarca os melhores campeões do mundo; a elite entre os espectadores, homens e mulheres da sociedade [...]”. Tal concepção também era reproduzida no Rio Grande do Sul em meados do século XX, posto que frequentar os clubes de vela e praticar o esporte eram restritos àqueles que podem arcar com as despesas de aquisição e manutenção do barco, além dos valores financeiros cobrados pelos próprios clubes, como a jóia e as mensalidades³.

Nos JO de 1900, a vela foi inserida no rol dos esportes olímpicos e se manteve em todas as edições seguintes com um número cada vez mais significativo de países participando das disputas. Trata-se de um dos mais tradicionais esportes dos JO e a participação do Brasil nesta modalidade iniciou na edição de 1936, em Berlim, Alemanha. Desde então, prosperou a presença de velejadores brasileiros nas edições dos JO e a conquista de medalhas⁴. Assinala-se que “a vela é a modalidade com o maior número de medalhas de ouro olímpicas na história do esporte do Brasil. Ao todo, os velejadores brasileiros já conquistaram 19 medalhas em Jogos Olímpicos”, compondo um rol de oito de ouro, três de prata e oito de bronze (CBVELA 2022).

As primeiras medalhas olímpicas foram conquistadas décadas após a fundação de clubes destinados a prática da vela no Brasil. No caso do estado do Rio Grande do Sul, os clubes de vela foram instituídos nos anos de 1930 (Mazo 2012) e, após duas décadas, nos anos 1950, velejadores sul-rio-grandenses passaram a integrar a delegação brasileira nas competições de JO. Antes disso, os atletas olímpicos brasileiros, precursores da vela, estavam vinculados em maior parte, aos clubes dos estados do Rio de Janeiro e São Paulo (COB 2004).

Na edição dos JO de 1952, em Helsinque, na Finlândia, o atleta sul-rio-grandense Alfredo Jorge Ebling Bercht fez a sua estreia, e nos JO de 1956, em Melbourne, na Austrália, novamente participou das competições juntamente com o seu irmão, Rolf Ebling Bercht. Tais velejadores apresentavam capital econômico e simbólico que permitia a prática. Além de fazer parte do Clube Veleiros do Sul⁵, o qual possuía uma rígida seleção de seus sócios, Alfredo Bercht tinha seu próprio barco, o modelo *Sharpie* Inca, bem como praticava outro esporte rotulado como de pessoas com recursos financeiros elevados, o automobilismo (*Jornal do Dia* 1952, 1). Tais informações oferecem indícios de que sua ocupação profissional, como empresário da indústria do vestuário (*Diário de Notícias* 1956, 5) e, posteriormente, proprietário de posto de combustíveis, permitia a inserção nestas práticas esportivas devido ao seu capital econômico e simbólico.

Com relação ao seu irmão, Rolf Bercht se formou nos cursos de Engenharia Civil, Mecânica e Elétrica em 1949. Posteriormente, se tornou professor dos cursos de Engenharia da Universidade

² Destaca-se que outros esportes também integram este rol, entretanto, para este artigo, busca-se destacar os elementos que classificam a vela como um deles, uma das razões que permitiram este esporte integrar o seletivo grupo dos esportes olímpicos em 1900 e que o fizeram estar presente nos JO da década de 1950, característica também presente no contexto do velejador analisado.

³ No Rio Grande do Sul, existiam cinco clubes de vela em meados do século XX: Grêmio Esportivo Masson (fundado em 1º/05/1930), Yacht Club Porto Alegre (19/03/1933), Sociedade Náutica Veleiros do Sul (13/12/1934), Clube Jangadeiros (7/12/1941) e Sava Clube (20/07/1912) (Mazo 2012).

⁴ Após a estreia de velejadores brasileiros nos JO de 1936, a participação sucedeu em todas as edições seguintes.

⁵ O Clube Veleiros do Sul é uma associação náutica esportiva fundada em 13 de dezembro de 1934, situada no Bairro Vila Assunção, na zona sul de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

Federal do Rio Grande do Sul (Obituário 2012 apud Mazo 2023). Além disso, destacou-se no ensino superior, pelo fato de ter sido um dos primeiros professores a realizar um curso sobre programação de computadores, em 1961.

Na edição dos JO de 1952, Alfredo Bercht conquistou a nona colocação e na edição de 1956, obteve o 10º lugar na classificação geral. Nesses eventos, a vela brasileira teve pouco destaque em relação ao atletismo e a natação, que conquistaram medalhas de ouro e bronze, nas edições de 1952 e de 1956 (COB 2004). Recordemos que, as primeiras medalhas no atletismo vieram nos Jogos Olímpicos de Helsinque, em 1952, quando o Brasil conquistou um ouro no salto triplo, com Adhemar Ferreira da Silva, uma medalha de bronze na competição de salto em altura pelo atleta José Telles da Conceição, e a medalha de bronze na prova de 1.500m livre natação por Tetsuo Okamoto (Rede do Esporte 2022).

A conquista da primeira medalha olímpica por velejadores brasileiros foi nos JO de 1968, no México. Desde então, a vela é um dos esportes que mais conquistou medalhas nos JO para o Brasil, a saber: México 1968, Montreal 1976, Moscou 1980, Los Angeles 1984, Seul 1988, Atlanta 1996, Sydney 2000, Atenas 2004, Pequim 2008, Londres 2012, Rio de Janeiro 2016 e Tóquio 2021. A despeito das medalhas olímpicas conquistadas, entendemos que para avançar na compreensão do cenário dos esportes olímpicos no país, se faz necessário reconstituir os caminhos trilhados pelos atletas que não conquistaram medalhas nos JO, mas que fazem parte da memória esportiva brasileira. Por vezes, esses atletas são esquecidos, ou os registros sobre suas memórias são escassos, porque não subiram no pódio olímpico, mas deveriam ser lembrados uma vez que fazem parte da construção histórica do campo esportivo nacional. O caso do velejador Alfredo Bercht é um exemplo de tal esquecimento no âmbito dos estudos acadêmicos sobre a História do Esporte do Rio Grande do Sul. A sua participação em Jogos Olímpicos emerge durante entrevista sobre os clubes de vela de Porto Alegre⁶. Cabe destacar também que o presente estudo também se insere em um grupo de pesquisas que visa identificar os contextos específicos das participações brasileiras em JO, como os desafios enfrentados e as características do processo histórico.

Diante desses indícios, o estudo trata de investigar como ocorreu a trajetória do primeiro velejador sul-rio-grandense nos Jogos Olímpicos de 1952 e 1956. Para fins deste estudo, as informações sobre Alfredo Bercht foram coletadas em jornais brasileiros que circulavam no período, encontrados na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Brasil⁷, a saber: Correio da Manhã, Diário de Notícias, Diário da Noite, A noite, Diário da Manhã, Tribuna da Imprensa e Jornal dos Sports, do Rio de Janeiro (RJ); Correio da Manhã, de São Paulo (SP) e O Poti, de Natal (Rio Grande do Norte)⁸. Além desses, também foram garimpadas reportagens em jornais do Rio Grande do Sul, estado de origem do velejador, onde foram encontradas apenas duas reportagens sobre o atleta, no Jornal do Dia e no Diário de Notícias⁹. O *corpus* documental foi analisado a partir da técnica de análise documental e as informações foram cruzadas com a revisão de literatura e o contexto sociocultural do recorte temporal.

⁶ A entrevista foi realizada pela pesquisadora Janice Zarpellon Mazo (2003) em uma sala do posto de gasolina da família de Alfredo Bercht (nascido em 02/01/1922 e falecido em 2005), quando ele estava com 78 anos de idade.

⁷ O levantamento de reportagens ocorreu utilizando o nome do velejador de duas formas, a completa, Alfredo Jorge Ebling Bercht, e a abreviada, Alfredo Bercht, entre aspas (“”), como termo de busca no sistema da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Brasil, no período das décadas de 1940 e 1950.

⁸ Foram selecionadas as reportagens de jornais que ofereciam elementos para a discussão da participação do velejador em JO, como as competições eliminatórias, descrições do processo de participação, a sua volta para o Brasil, informações específicas e opiniões sobre o tema. Foram descartados os jornais que as reportagens apenas citavam informações presentes nas reportagens selecionadas. Tais critérios resultaram o *corpus documental* citado, que foi composto principalmente por jornais do Rio de Janeiro, estado em se localiza até os dias de hoje o Comitê Olímpico Brasileiro (COB), o que pode ter relação com a maior cobertura dessa imprensa regional.

⁹ Todavia, em uma pesquisa sobre o termo “Jogos Olímpicos”, na década de 1950, nas 97 reportagens encontradas, apenas quatro notícias citaram os nomes de Alfredo Bercht e Rolf Bercht, e nenhuma delas, surpreendentemente, menciona especificamente a participação dos velejadores em JO, estas se dedicaram a abordar trajetória de Alfredo Bercht até os Jogos.

Jogos Olímpicos Helsinque (1952): o velejador compartilha sua experiência internacional

As primeiras informações sobre o início das conquistas que levaram Alfredo Bercht até os JO de 1952 datam o ano de 1940¹⁰, quando o Clube Veleiros do Sul¹¹, depois de receber atletas uruguaios, argentinos¹², paulistas e cariocas, para a regata de comemoração do Bicentenário de Porto Alegre organizou uma delegação para competir no Uruguai (Böhm et Carvalho 2001). Os anos posteriores foram de muitas vitórias para os irmãos Alfredo e Rolf Bercht, mas principalmente para Alfredo Bercht em diversas competições individuais (*Diário de Notícias* 1944, 12; *Diário de Notícias* 1945, 1; *Correio da Manhã* 1946, 10). A sequência de conquistas dos irmãos Bercht iniciou com IV Copa Miraguaya, em 16 de dezembro de 1944, classe *Sharpie* 12m, em comemoração ao 10º aniversário da fundação do Clube Veleiros do Sul e se sucederam ao longo dos anos seguintes.

Alfredo Bercht foi chamado para compor a equipe de vela olímpica para os JO de Verão em Helsinque, na Finlândia, quando se tornou campeão brasileiro em 1950, no V Campeonato Brasileiro de Barcos a Vela (*Diário da Noite* 1950, 5). O embarque da delegação brasileira para Helsinque foi noticiado pelo jornal *Diário da Noite* (RJ), o qual mencionou as equipes de atletismo, pólo aquático, saltos e futebol. O jornal da capital do país no período registra que a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) custeou a viagem da seleção olímpica de futebol e dos nadadores Fernando Pavão e João Gonçalves, pois eram possíveis medalhistas nos JO, uma vez que o Comitê Olímpico do Brasil (COB) declarou que não dispunha de verba para incluí-los na delegação. Todavia, na reportagem, sobressai a seguinte crítica: “importa dizer que vinte e duas pessoas estranhas devem se beneficiar com as vantagens do passaporte olímpico” (*Diário de Notícias* 1952, 8). Isto já havia ocorrido em participações em edições anteriores¹³. As delegações brasileiras eram compostas por demasiado número membros de órgãos que comandavam o esporte no Brasil, os quais compunham o grupo como representantes brasileiros (Silva et al. 2022a). E, desta maneira, se utilizavam de recursos financeiros que deveriam ser aplicados no transporte dos atletas, técnicos e materiais que envolviam a competição, como os pagamentos das taxas alfandegárias, visando o desempenho do Brasil nos Jogos.

Alfredo Bercht foi mencionado apenas na lista final dos 148 componentes do grupo que deixou o Brasil em direção à Finlândia (*Diário de Notícias* 1952, 8). Ele partiu do Brasil apenas no dia 10 de julho de 1952, juntamente com os últimos atletas que ficaram no país aguardando a viagem (*Diário de Notícias* 1952, 1). Vale lembrar que o início dos JO estava marcado para o dia 19 de julho de 1952. Nesta primeira participação, Alfredo Bercht fica em 9º lugar na competição.

Com a experiência adquirida e após o retorno dos JO, Alfredo Bercht começou a promover palestras sobre as novas regras internacionais de regata na sede do seu clube de origem. Na sua primeira palestra, Alfredo Bercht fez um relatório pormenorizado sobre os JO de Helsinque (Böhm e Carvalho 2001) ao grupo de jovens do Clube Veleiros do Sul. Esta atividade serviu para orientar os jovens velejadores, preparando-os para competições internacionais, motivando-os a ambicionar os JO, e também para a formação de um bem treinado corpo de juízes de regata. A abertura do evento com a presença de Alfredo Bercht demonstra um reconhecimento do Clube Veleiros do Sul quanto a sua trajetória, situação diferente dos jornais brasileiros, visto que não foram encontradas reportagens sobre seu retorno para o Brasil após os JO. Tais jornais destacaram apenas as medalhas conquistadas no evento. Isto também pode ser um indício de como a vela era um esporte restrito a

¹⁰ Neste período, a vela já era um esporte praticado no Rio Grande do Sul. O primeiro clube de vela do estado foi fundado em 9 de junho de 1934, na cidade de Rio Grande, o Rio Grande Yacht Club, e tinha como objetivo desenvolver o iatismo na Lagoa dos Patos (CHAVES 2022).

¹¹ A associação foi organizada pela iniciativa de remadores que visavam à criação de um clube que reunisse os “veleiros avulsos”. A reunião de fundação ocorreu no Bar Liliput (local de encontro dos remadores), localizado na Rua Otávio Rocha (MAZO et. al 2012).

¹² A reportagem intitulado “A visita do Camaron do yacht clube Argentino”, publicada na *Revista do Globo*, Porto Alegre, 9 mar. 1935, p. 32, ilustra um dos contatos culturais dos porto-alegrenses com argentinos no campo da vela.

¹³ O artigo de Carolina Fernandes da Silva, Bruna Borba e Janice Mazo (2021) expõe diversas polêmicas ocorridas na participação do Brasil nos JO de 1932, dentre estas a composição da delegação brasileira.

uma pequena parcela da população, a qual não possuiu demanda suficiente para que o jornal tivesse esse como um tema que fosse lucrativo dar espaço, tornando Alfredo Bercht conhecido e admirado apenas entre seus pares.

Entretanto, no ano seguinte aos JO de Helsinque, em 1953, dois jornais do Rio de Janeiro deram destaque ao esportista noticiando que Alfredo Bercht manteve-se na liderança no VI Campeonato Brasileiro Individual de Vela (*A noite* 1953, 13) e ainda fez parte da equipe campeã no VI Campeonato Brasileiro de Iatismo (*Diário da Manhã* 1953, 1). Os JO de Helsinque foram os primeiros passos na trajetória para Alfredo Bercht competir novamente em 1956, nos Jogos de Melbourne, desta vez com o irmão. Este caso evidencia o vínculo familiar como uma característica do campo esportivo no Rio Grande do Sul até meados do século XX, conforme notou-se em outros esportes olímpicos pesquisados, como o atletismo, a equitação e o voleibol (Silva e Mazo 2015; Silva et al. 2022b). Possivelmente, isto tem relação com a dinâmica social das famílias frequentarem os clubes esportivos no estado. Os clubes se tornaram a unidade fundamental de estruturação quando o esporte se organiza em entidades representativas (Silva e Mazo 2015).

Jogos Olímpicos de Melbourne (1956): o barco olímpico é aprisionado

Os JO de Melbourne, na Austrália, em 1956 inauguraram a era dos boicotes ao evento. Nesta edição do evento a Holanda, a Espanha e a Suíça não participaram em protesto a repressão russa sobre a Hungria, e não faltaram pretextos para sair em defesa de uma boa causa mundial. O Iraque, o Egito e o Líbano se retiraram para protestar contra a intervenção ocidental no Canal de Suez. A China de Mao Tsé-Tung suspendeu a viagem a Melbourne de seus 92 atletas, às vésperas do embarque, em protesto a participação dos atletas de Taiwan. Como se não bastassem os problemas externos, a situação interna no país não era das melhores, no que diz respeito à preparação e organização do evento. Um ano antes dos JO nenhuma obra cumpria o cronograma previsto para a sua conclusão, pois uma disputa entre o governo federal e a prefeitura de Melbourne atrasou a liberação dos recursos para o projeto olímpico. A situação só melhorou quando o governo federal repassou 4,5 milhões de dólares para o Comitê Organizador (COB 2004; Almeida e Marchi Júnior 2014).

A Guerra Fria cada vez mais fazia pulsar o imaginário social que acompanhava os JO à medida que a União Soviética confirmou participação nos JO de 1952. Contudo, as declarações do presidente do COI e de outros dirigentes olímpicos buscavam reafirmar a ideia de que os JO constituem competições individuais e não uma luta de países. Nesse sentido a soma do número de medalhas feita pela imprensa também começou a incomodar o COI, que declarou: “Nenhum país ganha os Jogos Olímpicos, os vários esportistas é que ganham individualmente nas suas modalidades, e só” (*Correio da Manhã* 1956, 18), frase disseminada pela imprensa internacional, inclusive pela brasileira.

Para os JO de Melbourne, o Brasil levou uma delegação com 48 atletas, sendo 47 homens e uma mulher. Assim, na lista publicada pela imprensa com 148 componentes na delegação, 100 deles não eram atletas, mas membros das comissões técnicas e convidados. Ressalta-se que a atleta Mary Dalva Proença competiu nos saltos ornamentais (plataforma) e se classificou em 16º lugar (Romariz et al. 2007). Dentre os homens estavam três representantes do Rio Grande do Sul: os irmãos Alfredo Jorge Ebling Bercht e Rolf Fernando Ebling Bercht na vela; e Breno Vignoli no pentatlo moderno. Desde a introdução do pentatlo moderno nos JO, em 1912, foi a primeira participação de um atleta brasileiro neste esporte.

O passaporte olímpico para a segunda participação de Alfredo Bercht¹⁴ foi carimbado para os JO de Melbourne, no dia 28 de abril de 1956, quando encerraram as competições eliminatórias de vela e ele sagrou-se campeão “com 4 primeiros lugares e um segundo, totalizando 4.500 pontos” (*A*

¹⁴ No ano de 1956, Alfredo Bercht participou de uma competição, representando o Iate Clube Guaíba, porém não foram encontradas informações que podem assegurar que ele estivesse vinculado a este clube na época. Foram consultadas também 90 atas de reuniões do Clube Veleiros do Sul, mas as mesmas não fazem menção a Alfredo Jorge Ebling Bercht e Rolf Fernando Ebling Bercht no período de 1956 a 1962 (VELEIROS DO SUL 2012).

noite 1956, 7). Com esta vitória e a conquista do VI Campeonato Brasileiro de Snipes, os feitos do velejador foram manchete do jornal O Poti, do estado do Rio Grande do Norte, no qual consta que Alfredo Bercht e Eduardo Jacobsen “são indiscutivelmente os melhores do Brasil na atualidade” (*O Poti* 1956, 5).

Entretanto, a manchete do jornal O Poti, não faz referência aos obstáculos enfrentados pelos atletas na viagem para Melbourne. A Confederação Brasileira de Vela e Motor (CBVM), em 27 de junho de 1956, teve que decidir qual tipo de barco enviaria para as competições nos JO de 1956, visto que não poderia despachar um barco para cada categoria. Esta decisão estava atrelada a determinação do COB que só fosse enviado um barco com no máximo três tripulantes, possivelmente devido ao valor do transporte e o imposto pago para estes barcos entrarem e saírem do país-sede e o pouco recurso financeiro que a entidade alegava dispor para participar do evento esportivo. De tal modo, a opção foi pelo barco *Sharpie* (dois tripulantes) e um da classe *Finn* (um tripulante). A classe *Star* (dois tripulantes), na qual os competidores que tinham índice para ir aos JO eram cariocas, entrou com recurso, o qual foi publicado na íntegra pelo Correio da Manhã, jornal do Rio de Janeiro (“*Correio da Manhã* 1956, 4), visto que estes velejadores ficariam de fora da delegação brasileira. Disputas entre estados ocorridas a nível esportivo, por vezes eram transferidas para discussões internas em órgãos deliberativos dos esportes e publicadas em jornais (Silva, Bataglion e Mazo 2021).

Todavia, em resposta, a CBVM também publicou sua posição no referido jornal do Rio de Janeiro e manteve a decisão, a qual foi tomada “levando em consideração que os indicados foram os primeiros a dar glórias internacionais ao iatismo brasileiro” (Kastrup 1956, 3). Se por um lado este posicionamento trouxe questionamentos sobre a escolha da classe *Sharpie* e argumentos em defesa da classe *Star* como a representante brasileira por outro demonstra uma competição entre os estados do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul para além do tempo e do espaço em que ocorre a disputa esportiva, identificada anteriormente em outros esportes náuticos por Silva (2015).

Dentre os argumentos dos velejadores da classe *Star* afirmava-se que o barco *Sharpie* não tinha as medidas oficiais para a competição (*Correio da Manhã* 1956, 4). Porém, em sua defesa, a CBVM afirmou que no dia da reunião para definição dos barcos que participariam dos JO, já tinha esta informação e, por isso encomendou um novo barco naquele mesmo dia, segundo o autor da nota (Kastrup 1956). No entanto, a discussão se prolongou e, na sequência foi publicada reportagem na qual Alfredo Bercht afirmou que utilizaria seu próprio barco, o *Sharpie* Inca e assumia a responsabilidade de este ter o padrão de barco exigido (Heizer 1956, 10). Talvez, esta publicação com a posição da CBVM tenha sido produzida com a intenção de amenizar a disputa argumentativa pela vaga. Outra possibilidade é que, ao perceber que a sua segunda participação nos JO corrigia o risco de não acontecer, o próprio Alfredo tenha disponibilizado o seu barco para garantir sua participação nos JO de 1956.

No mesmo texto, o autor da publicação (Heizer 1956, 10) busca na experiência do velejador os argumentos de apoio à escolha da CBVM eleva os leitores a crer que Alfredo Bercht “leva a grande responsabilidade de bem representar o Brasil na Olimpíada” e acrescenta “Sua experiência e classe de grande e veterano veleiro levam-nos a acreditar que fará sucesso extraordinário nos Jogos Olímpicos de Melbourne” (Heizer 1956, 10). Apesar da polêmica levantada e exposta na imprensa, a decisão da CBVM prevaleceu e Alfredo Bercht viajou para Melbourne juntamente com o *Sharpie* Inca. Este barco com 35 pés foi o primeiro de uma série de barcos de Alfredo Bercht com a mesma denominação, seguindo uma tradição. Ao buscar mais informações sobre estes barcos, foi encontrado que um deles encontra-se “abandonado, jogado em meio a detritos em uma ocupação às margens do Canal São Gonçalo em Pelotas [Rio Grande do Sul]” (Flotilha 2012). Este registro sobre a situação do barco admite uma reflexão sobre a preservação da memória esportiva brasileira à medida que notamos o descaso com o equipamento que fez parte da história do esporte não apenas gaúcho, mas brasileiro.

Nesta segunda participação nos JO, em 1956, Alfredo Bercht fez dupla com seu irmão, Rolf Bercht, com quem já competia desde a década de 1940. Eles ficaram em 10º lugar na classificação geral (COB 2004), uma posição atrás da edição anterior dos JO. Apesar do desempenho na

competição, no retorno para o Brasil outro desafio foi enfrentado por Alfredo Bercht: o seu barco ficou preso na Alfândega, no Rio de Janeiro. Esta ocorrência obteve a atenção dos jornais apenas dois anos após a realização dos JO e o retorno de Alfredo Bercht para o Brasil, quando o barco quase foi a leilão (*Jornal dos Sports* 1958, 7).

O COB e CBMV foram apontados como os responsáveis por esta situação pela imprensa sul-riograndense, porém as entidades não assumiram tal responsabilidade, transferindo o encargo do ocorrido uma para a outra (*Correio da Manhã* 1958, 2-1). O *Jornal dos Sports* do Rio de Janeiro publicou uma reportagem que trouxe à tona o que estava acontecendo com o barco Inca, de propriedade do velejador e que competiu nos JO, mencionando que este ficou parado na Alfândega se deteriorando e sem manutenção. A mesma reportagem destaca os apelos sem sucesso do velejador aos dois órgãos responsáveis, CBVM e COB, os quais apenas ganharam volume quando o mesmo aconteceu com outro velejador que representou o Brasil no Campeonato Mundial da Classe *Snipe*, em setembro de 1957, e também teve seu barco retido (*Jornal dos Sports* 1958, 7).

A atenção da imprensa surtiu resultado para a solução do problema quando jornalistas começaram uma investigação e foram buscar mais informações sobre o assunto com o responsável do COB. Os jornalistas descobriram o nome de quem havia perdido os documentos do barco Inca, e identificaram que a razão da retenção do barco foi porque este estava sendo considerado um barco estrangeiro, mesmo tendo como ponto de partida o Brasil. Depois de quatro dias da publicação da primeira reportagem sobre o assunto, o barco foi liberado após uma declaração do cônsul da Austrália (*Jornal dos Sports* 1958, 7). Assim, Alfredo Bercht se utiliza do poder disciplinar da imprensa para solucionar o aprisionamento do barco. Tal poder se dá pela capacidade de mobilização, uma vez que os jornais não apenas transmitem informações, mas também agem na sociedade a partir dos discursos que expressam ideias e valores formando opiniões e agindo no imaginário social (Barros 2019).

A edição dos JO de 1956 marcara a última participação de Alfredo Bercht no evento, entretanto, ele continuou competindo e foi campeão brasileiro entre os anos de 1961 e 1965, fazendo dupla com Manfred Flöricke pelo Clube Jangadeiros de Porto Alegre e, ainda, participou de uma competição internacional pelo mesmo clube (Carneiro 2004). O velejador disputou competições até a década de 1980 (Flotilha 2022). Nascido na cidade de Porto Alegre no ano de 1922, Alfredo Bercht, que era dono do Alfredo Bercht Postos de Combustíveis faleceu no ano de 2005, aos 83 anos. Diferentemente, sobre seu irmão Rolf Bercht não foram encontrados registros de participações em competições após os JO de 1956. Formado pela UFRGS, onde também foi professor no curso de Engenharia Elétrica da Escola de Engenharia, faleceu em Porto Alegre no dia 22 de setembro de 2012, aos 87 anos (Obituário 2012 apud Mazo 2023).

Considerações finais

O estudo evidenciou que a participação de Alfredo Bercht nos JO da década de 1950 obteve pouquíssimo destaque na imprensa brasileira. Mesmo a vela estando presente nos JO desde a sua segunda edição (1900) e marcar a história esportiva do Rio Grande do Sul e do Brasil desde o início do século XX, este esporte não era frequente nas páginas de jornais (Silva e Mazo 2019). Diversas razões podem ter contribuído para isso, como a pouca identificação dos leitores com a prática, devido a esta ser um esporte com um capital simbólico de distinção social (Bourdieu 1983) no Rio Grande do Sul, bem como não haver conquistado o pódio olímpico até a edição de 1968.

Todavia, é inegável que Alfredo Bercht se destacou em competições regionais e nacionais, além de contribuir com a difusão dos conhecimentos obtidos por meio da participação em duas edições dos JO. Além disso, a trajetória deste velejador encena as disputas travadas entre modalidades no interior das entidades esportivas, quando os representantes da modalidade *Star* entraram com um recurso quanto a escolha da *Sharpie* para ir aos JO de 1956. Outro ponto a se destacar, foi o empenho de Alfredo Bercht para a recuperação do barco Inca na Alfândega, problema que começou a enfrentar sozinho, sem a ajuda das entidades esportivas envolvidas no episódio, o qual apenas foi solucionado quando a imprensa deu destaque para o drama vivido pelo velejador. Diante

disso, compreende-se que apesar da vela ser um esporte praticado por esportistas que possuem capital econômico e simbólico, auxílios de entidades esportivas e governamentais são necessários para a participação em competições internacionais, bem como no suporte após o retorno dos atletas. O caso de Alfredo Bercht apresenta novos elementos à história da participação de atletas do Rio Grande do Sul nos JO de Verão da Era Moderna, a qual demonstra que, ao longo do século XX, as trajetórias até a competição ofereciam diversos desafios, que os atletas as enfrentavam, predominantemente, a partir de atitudes particulares, com pouco apoio das entidades esportivas, como ocorreu no tiro esportivo em 1920, no lançamento de dardo em 1924, no remo em 1936 e 1948, dentre outros (Silva et al. 2022b; Mazo et al. 2012; Silva, Bataglion e Mazo 2021; Mazo et al. 2017; Silva et al. 2015).

Por fim, este estudo que compilou indícios sobre um velejador olímpico suscitou o interesse em avançar na investigação examinando, não apenas a prática da vela esportiva em outros espaços e temporalidades, mas também o percurso de homens e mulheres velejadores em outros ambientes e tempos históricos. Constatou-se que o material empírico não é volumoso e a literatura acadêmica produzida no Brasil sobre a vela esportiva ainda é escassa. Por isso, a pesquisa sobre a vela é uma empreitada investigativa arriscada, mas fica o desafio de navegar em outros mares da pesquisa em História do Esporte local e regional.

Referências

- A noite*. 1953. “Gaúchos campeões brasileiros de Iatismo”. 14 nov. 1953.
- A noite*. 1956. “Eliminatória para as olimpíadas”. 28 abr. 1956.
- Almeida, Bárbara Schausteck de e Wanderley Marchi Júnior. 2014. “Melbourne 1956: os Jogos Olímpicos pela primeira vez no Hemisfério Sul”. Em *Anais do XIII Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física (CHELEF)*, 19 a 22 de agosto, coordenado por Tony Honorato, Larissa Michelle Lara, Antonio Geraldo Magalhães Gomes Pires, 93-9. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2014.
- Barros, José D’Assunção. 2019. *Fontes Históricas – introdução aos seus usos historiográficos*. Rio de Janeiro: Editora vozes.
- Bohm, Lászl e Loraine Carvalho. 2001. *História do Veleiros do Sul Sociedade Náutica Desportiva: da fundação até a transferência da sede para o bairro Cristal*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- Bourdieu, Pierre. 1983. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero.
- Carneiro, Flávio. 2004. “Snipes projetaram o Guaíba no mapa-múndi (1959)”. Em: *Catálogo do Esporte e da Educação Física na Revista do Globo (1929-1967)*, editado por Janice Zarpellon Mazo. Porto Alegre: PUCRS.
- CBVELA – Confederação Brasileira de Vela. s.d. “A história da vela”. Acessado em: 08 fev. 2022.
- Chaves, Ricardo. “Rio Grande Yatch Club, o vovô da vela”. *Zero Hora*, 8 abr. 2022.
- COB - Comitê Olímpico Brasileiro. 2004. *Sonho e conquista: o Brasil nos Jogos Olímpicos do Século XX*. Rio de Janeiro: COB.
- Correio da Manhã*. 1946. “Regata de veleiros Brasil”. 06 nov. 1946.
- Correio da Manhã*. 1954. “Ainda o problema das Olimpíadas”. 7 mai. 1954. Acesso em: 25 nov. 2012. http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_06&pesq=alfredo%20bercht.
- Correio da Manhã*. 1956. “Não há nas olimpíadas competição a competição de países”. 25 de mai. 1956. http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_06&pesq=n%C3%A3o%20h%C3%A1%20nas%20olimp%C3%ADadas.
- Correio da Manhã*. 1956. “O recurso da classe Star”. 12 ago. 1956.
- Correio da Manhã*. 1958. “Ameaçado de ira leilão”. 10 abr. 1958.
- Correio da Manhã*. 1956. “O recurso da classe Star”. 12 ago. 1956.
- Diário da Manhã*. 1953. “Gaúchos campeões de iatismo”. 11 nov. 1953.
- Diário de Notícias*. 1944. “Regatas”. 21 jan. 1944.
- Diário de Notícias*. 1945. “Alfredo Bercht e Orlando Coelho na liderança”. 21 jul. 1945.
- Diário de Notícias*. 1952. “Irão também à Helsinque Fernando Pavão e João Gonçalves”. 02 jul. 1952.
- Diário de Notícias*. 1952. “Partem os últimos elementos da delegação brasileira”. 10 jul. 1952.
- Diário de Notícias*. 1956. “Edital de apresentação de chapa”. 30 mai. 1956.
- Diário da Noite*. 1950. “Resultados do V Campeonato Brasileiro de Barcos a Vela”. 17 nov. 1950.

- Flotilha. 2012. “Inca 2000, Agonia de um Veleiro”. Acessado em: 29 mar. 2022. <http://flotilha.blogspot.com.br/2012/11/inca-2000-um-triste-fim.html>.
- Heizer, Teixeira. 1956. “Um notável veleiro gaúcho”. *Diário da Noite*, 24 out. 1956.
- Jornal do Dia*. 1952. “A primeira prova do campeonato gaúcho de automobilismo”. 17 fev. 1952.
- Jornal do Dia*. 1952 “A transmissão dos Jogos Olímpicos”. 01 jul. 1952.
- Jornal dos Sports*. 1958. “Por representar o Brasil perderão seus barcos”. 8 abr. 1958.
- Jornal dos Sports*. 1958. “Será liberado o barco de Bercht”, 12 abr. 1958, 7.
- Kastrup. 1956. “S. Vela e Motor”. *Tribuna da Imprensa*, 17 ago. 1956.
- Mazo, Janice Zarpellon. 2003. “A emergência e a expansão do associativismo desportivo em Porto Alegre - Brasil (1867-1945): espaço de representações da identidade cultural teuto-brasileira.” Doutorado em Ciência do Desporto, Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto.
- Mazo, Janice Zarpellon, Alice Beatriz Assman, Carolina Dias Carolina Fernandes Silva, Carlos Adelar Abaide Balbinotti, Cecília Elisa Kilpp, Eduardo Klein Carmona, Ester Liberato Pereira, João Carlos Jaccottet Piccoli, Paula Andreatta Maduro, Paulo Renato Vicari, Ronaldo Dreissig de Moraes, Sérgio de Brito Martini, Tiago Oviedo Frosi e Vanessa Belani Lyra. 2012. *Associações Esportivas no Rio Grande do Sul: lugares e memórias*. Novo Hamburgo: FEEVALE.
- Mazo, Janice Zarpellon, Carolina Fernandes da Silva, Gabriel Kessler Merlin e Nelson Todt. 2017. “Shooting: the First Brazilian Olympic Medals. Diagoras: International Academic Journal on Olympic Studies”. *Diagoras: International Academic Journal on Olympic Studies* 1, n.º 13: 135-52.
- Müller, Norbert e Nelson Todt. 2015. *Pierre de Coubertin (1863-1937), Olimpismo: seleção de textos*. Lausanne: Comitê Internacional Pierre de Coubertin.
- O Poti*. 1956. “Novamente vitoriosos os gaúchos com Gabriel Gonçalves e Jacobsen Bercht empatados: 1º lugar”. 18 abr. 1956.
- Rede do Esporte. s.d. “Medalhistas brasileiros em Jogos Olímpicos”. Acessado em: 09 fev. 2022. <http://rededoesporte.gov.br/pt-br/megaeventos/olimpiadas/medalhistas>.
- Romariz, Sandra Bellas de, Fabiano Pries Devede e Sebastião Votre. 2007. “Atleta, substantivo feminino: As mulheres brasileiras nos jogos olímpicos.” *Movimento* 13, n.º 1: 207-16. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.2933>.
- Rubio, Kátia. *Atletas Olímpicos Brasileiros*. 2015. São Paulo: SESI-SP Editora.
- Silva, Carolina Fernandes da. 2015. “Esportes náuticos e aquáticos no Rio Grande do Sul: a esportivização e contatos culturais nos clubes”. Doutorado em Ciências do Movimento Humano, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Silva, Carolina Fernandes da, Giandra Anceski Bataglioni e Janice Zarpellon Mazo. 2021. “Os Remadores Brasileiros nos Jogos Olímpicos de 1948: Disputas de representações regionais para além das raias de remo”. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento* 29, n.º 2: 1-26.
- Silva, Carolina Fernandes da e Janice Zarpellon Mazo. 2019. “Brazilian sailor at the Olympic Games of the 1950s”. *Journal of Human Sport and Exercise* 14, n.º 3: 294-300. <https://doi.org/10.14198/jhse.2019.14.Proc3.02>.
- Silva, Carolina Fernandes da, Janice Zarpellon Mazo, Bruna Letícia de Borba e Nelson Todt. 2022a. “1932 Olympic Games: The Participation of a Unique Brazilian Athlete”. *International Journal of the History of Sport* 39, n.º 3: 1-19. <https://doi.org/10.1080/09523367.2022.2057473>.
- Silva, Carolina Fernandes da, Janice Zarpellon Mazo, Bruna Letícia de Borba e Guy Ginciene. 2022b. “Willy Richard Frantz Seewald (1900–1929): The Brazilian Sportsman in the 1924 Olympic Games”. *The International Journal of the History of Sport* 39, n.º 2: 193-209. <https://doi.org/10.1080/09523367.2022.2042263>.
- Silva, Carolina Fernandes da e Janice Zarpellon Mazo. 2015. “As instrumentalidades do esporte no campo do associativismo esportivo em Porto Alegre/RS”. *Movimento* 21, n.º 2: 377-89.

ORCID

Carolina Fernandes da SILVA  <https://orcid.org/0000-0003-0026-1318>

Bruna Letícia de BORBA  <http://orcid.org/0000-0001-6679-1974>

Janice Zarpellon MAZO  <http://orcid.org/0000-0002-8215-0058>